

O olhar latino-americanista de Richard Morse

GISLANIA DE FREITAS SILVA

RESENHA: MORSE, R. M. **Cidade e cultura política nas Américas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

A obra *Cidades e cultura política nas Américas*, organizada por Beatriz Helena Domingues, é uma compilação de textos inéditos em português do latino-americanista Richard Morse. A introdução, primorosamente preparada pela organizadora, permite ao neófito na obra morseana ter uma dimensão da produção teórica do autor, dos contextos em que escreveu e das polêmicas que suscitou. De fato, confere um ar de familiaridade tão intenso que somos cativados por Morse, a partir de suas palavras, e experimentamos o que o apresentador da obra, Matthew Shirts, afirma com tanto sentimento: Morse não tinha propriamente alunos, mas seguidores. Compreendemos o porquê de suas palavras, à medida que avançamos na leitura.

Todavia, iniciemos pelo final, pelo prólogo escrito por Helena Bomeny. Além de apresentar o ambiente em que Morse chega a São Paulo, em 1947, e os contatos e as amizades intelectuais que travou com Sergio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Carlos Guilherme Mota, Florestan Fernandes e Oswald de Andrade, dentre outras figuras destacadas nas ciências sociais brasileiras, Bomeny aponta como esse círculo intelectual foi fundamental para sedimentar a peculiar visão de Morse sobre o Brasil e a América Latina, a interdisciplinaridade, o fluxo entre história e literatura, a repulsa do historiador norte-americano à sua própria formação disciplinar originária.

GISLANIA DE FREITAS SILVA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Sociologia pela UFC. Professora da rede pública de ensino básico do estado do Ceará (SEDUC – CE). E-mail: gislaniafreitas@yahoo.com.br.

Rememorando sua experiência pessoal com Morse, ela lembra uma frase que costumava ouvir com certa frequência de seu amigo, parafrazeando Jorge Luiz Borges: “existem dois tipos de pensador: os que têm muitas ideias e os que só têm uma que perseguem por toda a vida, ainda que por diferentes atalhos” (MORSE, 2017, p. 220). Morse era do segundo tipo e sua maior obsessão era compreender as grandes estruturas culturais que fazem com que povos se pensem como comunidades, como nações. Esse questionamento o impeliu por toda a sua trajetória acadêmica. Outro traço marcante em sua obra (como a de muitos outros latino-americanistas) é a oposição das duas partes que compõem o continente americano. O diferencial é que ele nega a sua América e abraça a nossa.

De volta à introdução, Domingues delineia um panorama no qual se inserem os artigos selecionados a partir de um “pressentimento metodológico” (MORSE, 2017, p.18) que teve durante a leitura de *O multiverso na busca pela identidade da América Latina de 1920 até 1970*, escrito por Morse a pedido de Leslie Bethell para sua compilação sobre a história da América Latina, mas só concluído e publicado 20 anos depois pelo autor. Nesse ensaio, Morse utiliza o esquema proposto por Alfred North Whitehead em *The Aims of Education and other Essays*, para “historiar a busca pela identidade na América Latina” (MORSE, 2017, p.18). O autor compreende que esse processo passa pelas etapas do romance (primeira apreensão do tema), da precisão (formulações mais exatas) e da generalização (ideias ordenadas). Contudo, Morse defende que um autor não deve ficar restrito em uma dessas etapas, como se estivesse preso. Há uma fluidez que permite seu movimento. Com isso em mente, Domingues selecionou os ensaios da vasta obra morseana que ora são apresentados ao público brasileiro. Neles, podemos acompanhar o amadurecimento de suas ideias e identificar a permanência de temas que ligam as obras da juventude aos escritos da maturidade. Os ensaios são organizados respeitando a ordem cronológica de escrita e publicação sem “aprisioná-los em uma camisa de força temporal” (MORSE, 2017, p. 22).

No primeiro ensaio, intitulado *Rumo a uma teoria de governo para a América espanhola*, de 1945, Morse busca as raízes da

cultura política dominante nas repúblicas latino-americanas. Sua resposta remonta ao reinado de Isabel de Castela e Fernando, rei de Aragão, no século XV. Para ele, essas duas figuras representam as duas tendências antagônicas sobre as quais se assentam a cultura política: de um lado, um forte componente espiritualista e medieval; de outro, a secularidade e o renascimento. O ponto alto do ensaio, que estará presente em seus escritos da maturidade, é a dicotomia tomismo-maquiavelismo que, para ele, permeia toda a cultura política da península ibérica e de suas colônias além-mar. Para Morse, da mesma forma que John Locke influenciou a cultura política das treze ex-colônias inglesas, Nicolau Maquiavel influenciou as novas repúblicas hispano-americanas. Os conselhos práticos do florentino, segundo ele, poderiam facilmente ser retirados das experiências dos caudilhos sul-americanos. Superada a herança medieval tomista, libertando-se do jugo colonial, as novas repúblicas constroem uma nova cultura política maquiavélica. “O líder da América espanhola, seja ditador ou democrata, está rapidamente adotando uma visão mais ampla e sofisticada de como o poder político moderno deve ser conquistado, mantido e exercido” (MORSE, 2017, p. 70).

Morse aponta que, não obstante as diferenças entre Portugal e Espanha e entre suas colônias americanas, ambas compartilharam um *ethos* de forte tom católico, semifeudal e pré-capitalista. Para as ex-colônias hispânicas, a reorientação rumo a uma política maquiavélica se dá posteriormente às guerras independentistas, enquanto, no Brasil, somente após o golpe de Estado republicano, se adentrará na fase pós-tomista.

Em *São Paulo desde a independência: uma interpretação cultural*, de 1954, o autor buscou compreender como São Paulo passou de uma província quase sem expressão cultural e tornou-se uma cidade industrial. No final do século XIX, São Paulo já possuía todos os elementos de uma metrópole. Na esfera intelectual, a cidade passou do romantismo byroniano à ciência, da boemia ao prestígio intelectual. Nesse ensaio, podemos contemplar a dimensão dos seus interesses que vão desde as mudanças na arquitetura da cidade até uma apreciação da Semana de Arte Moderna de 1922. Para ele, Álvares de Azevedo foi para o Romantismo o que Mário

de Andrade foi para o Modernismo, encarnando dois momentos distintos do movimento cultural da cidade.

Percebemos a mudança do foco em *Algumas características da história urbana na América Latina*, de 1962. Ele começa seu trabalho de escavador, adentrando cada vez mais fundo na formação das cidades do Novo Mundo e nas ligações com as cidades europeias. Desta feita, destaca a inspiração do renascimento italiano na construção das cidades em além-mar, respeitante a métrica e a organização ordenada do espaço. Muito embora tenham surgido cidades desordenadas e sem planejamento prévio, Morse destaca que as principais urbes, como a Cidade do México e Lima, tiveram todos os detalhes planejados. O autor ressalta que, em muitos locais, as cidades serviram como “instrumento de colonização” e, cotejando com as peculiaridades dos burgos europeus medievais, ele tenta esclarecer as peculiaridades que encontra na formação daquelas do continente americano. Outro aspecto relevante que destacamos são as “transferências urbanas” que ocorreram com relativa frequência durante os anos de colonização, tanto devido a causas naturais como a fatores políticos. Para Morse, isso demonstra a frágil estabilidade do continente repleto de entrepostos comerciais que não travavam comércio entre si, senão através da mediação metropolitana.

No curto ensaio *O antropólogo como consultor político*, Morse reflete acerca das relações entre as pesquisas antropológicas sobre a América Latina e as ações da política externa estadunidense para o subcontinente. Escrito em 1963, reflete o pano de fundo da Guerra Fria e o temor do grande irmão ao avanço comunista sobre a América. Em entrevista a Helena Bomeny (1989), Morse discorre sobre a pesquisa nesse contexto, o caudal de financiamento e o *boom* de pesquisas sobre esta área geográfica. “Com isso, muita gente foi recrutada e a América Latina passou a ser considerada como uma especialização, assim como na CIA e no Departamento de Estado surgiam o que chamamos de *desks*: ‘Brasil Desk’, ‘Honduras Desk’ etc.” (BOMENY, 1989, p. 89).

Prolegômenos para a história urbana da América Latina, de 1975, é um ensaio impressionante pela envergadura analítica e mergulho histórico. Morse inicia o ensaio discorrendo sobre a simplificação que incorremos ao aplicar a dicotomia pré-industrial *versus*

industrial, para analisar sociedades e as cidades que nelas emergem. Da mesma forma, critica os estudos fora do contexto histórico sobre as cidades na América Latina, incômodo que o acompanhou ao longo de sua trajetória intelectual (BOMENY, 1989).

Das visões edênicas que permearam as primeiras investidas colonizadoras de espanhóis e portugueses a análises mais direcionadas dos arranjos institucionais na formação das cidades, Morse constrói um arcabouço em que apresenta, mais uma vez, a dicotomia entre as duas partes do continente americano. Os arranjos hierárquicos, místicos e religiosos da América Latina em contraposição aos arranjos contratuais dos Estados Unidos. Em meio a isso, traça um panorama da história das cidades no Ocidente remontando à Grécia Antiga e a seus deuses domésticos, passa por Roma unificada sob a bandeira do cristianismo até chegar às cidades medievais, centrando o foco na Península Ibérica, explicitando suas ideias sobre a cidade-império universal.

O ensaio deixa clara a erudição do autor, não pelo acúmulo de informações enfadonhas e aleatórias com que muitos recheiam seus textos, mas pela curiosidade sincera e pela dedicação em buscar respostas para elucidar as relações entre as cidades medievais e as cidades no Novo Mundo. Há uma empolgação implícita no rigor da pesquisa que traz elementos da filosofia clássica (como a de Tucídides, Platão e Aristóteles), aspectos históricos da formação das cidades e as influências, na península, do desenvolvimento urbano do norte europeu. Todos os detalhes alinhavados com maestria.

Em *Cidades como pessoas*, de 1992, último ensaio da coletânea, Morse retoma elementos apresentados em outros ensaios e analisa os contrastes no desenvolvimento das cidades na América Latina e nos Estados Unidos, apontando, mais uma vez, que as tradições urbanas refletem premissas políticas distintas. As cidades coloniais na América Latina funcionavam como centros de controle administrativo sobre vastos territórios e refletem a dualidade da matriz política tomista-maquiviévica. A experiência agrária só sofrerá alterações mais profundas quando a *hacienda* passar paulatinamente a ser substituída pelo latifúndio. No Brasil, a *hacienda* seria característica do cultivo da cana de açúcar,

enquanto que o latifúndio é referente à cultura do café e toda a articulação política e administrativa para sua produção, escoamento e comercialização. Para ele, na América Latina, o latifúndio acaba funcionando como um setor “modernizador”. Nos Estados Unidos, ao contrário, o latifúndio é reflexo da tradição sulista, com fraco desenvolvimento industrial, o que acabou se tornando um dos fatores que desencadeariam a Guerra de Secessão.

Morse segue em sua análise, discutindo vários estudiosos da história urbana, dentre os quais Gilberto Freyre, apresentando elementos políticos e sociais presentes na formação das cidades no continente americano. Ele finaliza ressaltando a importância dos imigrantes, que acabam por forçar as cidades ao desenvolvimento e impulsionam seu remodelamento para um paradigma mais democrático e inclusivo, debatendo os problemas dessas localidades. Em um arroubo de otimismo, vê os espaços urbanos sendo tomados pelas pessoas, “o povo comum” discutindo alternativas para o espaço público.

Para historiadores, sociólogos e antropólogos que têm como campo de estudos a trajetória política e cultural da América Latina e a formação das cidades no Novo Mundo, a leitura de Morse fluirá como uma conversa agradável com um amigo. O rigor metodológico, a erudição tranquila em resposta às suas “perguntas infantis” nos proporciona uma análise rica, profunda, empolgada e leve. Autor relativamente desconhecido no Brasil, apesar de seu grande amor por esta terra e dos laços fraternos que o ligaram ao país até sua morte, essa obra vem a preencher uma lacuna. Muito mais temos a descobrir.

REFERÊNCIAS

BOMENY, H. M. B. Uma entrevista com Richard Morse. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 77 – 93, 1989.